

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Sergipe

Class.: 148

Data: 28/02/89

Pg.: _____



Xocó tem um novo cacique

O cabo da Polícia Militar de Alagoas Gileno Clementino Lima, subdelegado do município de Oliveta é o novo cacique dos remanescentes dos índios da Tribo Xocó, que habitam a Ilha de São Pedro, no rio São Francisco, em Porto da Folha, a 200 km de Aracaju. Ele foi eleito sábado passado, em eleições diretas com 79 votos contra 44 do segundo colocado, Raimundo Bezerra Lima. Votaram 135 dos 215 membros da comunidade, que escolheu também a segunda autoridade máxima da ilha, o paié Antônio Medeiros, de 61 anos, que foi reeleito para o cargo. Esta foi a quinta vez consecutiva que os Xocós realizam eleições para a escolha de seus dirigentes. A idade mínima permitida para votar foi 13 anos e o analfabeto teve direito a declinar verbalmente o seu voto. A meta prioritária do cacique eleito é a conquista das fazendas Caipara e Belém, que medem cerca de seis quilômetros quadrados de área e que pertenceu no passado à tribo. (Página 10).

Índios elegem diretamente os seus novos dirigentes

Fundese continua com cestas

A Fundação de Desenvolvimento Comunitário de Sergipe — Fundese — continua distribuindo milhares de cestas básicas para a população de baixa renda. O Programa Cesta Básica se originou em 1987, fruto do extinto Projeto Campo Verde, inicialmente atendendo as famílias carentes do interior, mas teve sua ação ampliada para os municípios circunvizinhos da capital, dentro do Projeto Grande Aracaju, do Governo Estadual. Atualmente, só nos 18 postos da Fundese localizados na periferia da cidade, são fornecidas mensalmente 5.674 cestas básicas, através do DAC (Divisão de Apoio Comunitário), que atende também 37 entidades filantrópicas em todo Estado, destinando a elas 1.500 cestas mensais. Além disso, a Fundese cadastrou 90 associações de moradores, recebendo cada uma delas 100 cestas por mês, num total de 9.000 famílias beneficiadas. Existem ainda 5 postos da Fundese no interior, onde através dos centros sociais urbanos, 1.990 cestas são entregues mensalmente a grupos carentes, como idosos e gestantes.

Todo esse trabalho é mantido pelo Governo do Estado e, segundo Ezilde Serra Pinheiro, da Diretoria de Bem-Estar Social da Fundese é motivo de orgulho e respeito, mas ela alerta que "os beneficiados não devem ficar viciados nas cestas" e, por essa razão, a Fundação procura sempre oferecer alternativas de trabalho, orientando hortas comunitárias ou caseiras, acompanhando unidades de produção e oferecendo cursos profissionalizantes. Nesse sentido, já existe um projeto da Fundese com a Funabem, onde foram cadastradas 115 famílias, com aproximadamente 570 crianças e adolescentes na

faixa de 7 a 18 anos, com o objetivo de fornecer verbas para que cada uma dessas famílias possa abrir um pequeno negócio.

A cesta básica consiste em 2kg de açúcar, 2kg de arroz, 2kg de feijão, 1 pacote de café, 2 pacotes de farinha de milho e 1 salame. O critério para ter direito ao recebimento da cesta é flexível, os casos são analisados separadamente, buscando conhecer o grau de carência dos interessados. Segundo Ezilde Pinheiro, o plantão social atende as emergências, a pessoa preenche uma ficha e, uma vez comprovada sua necessidade, ela recebe uma cesta básica, podendo se tornar mensalista, após uma análise de sua situação.

A tribo xocó tem novo cacique. Trata-se de Girleno Clementino Lima, de 37 anos de idade, casado e pai de dois filhos. Girleno foi eleito num pleito democrático, onde votaram alfabetizados e analfabetos da tribo, num total de 135 índios, dos quais a proporcionalidade foi de cinco votos por um, para Girleno, que recebeu, no último sábado, à noite, a faixa e o cocá do cacique Paulinho, que foi o mais novo líder dos xocó, com 21 anos de idade e que comandou os destinos da tribo por um ano e poucos meses. Girleno é primo de Paulinho e se emocionou na hora do recebimento da faixa.

Para a solenidade de posse do novo cacique dos Xocó vieram a Sergipe índios de várias tribos do Nordeste, como os caciques dos Xucurí, de Pesqueira, em Pernambuco; os Xucuru Carirí e os Carepotó, de Alagoas que enfrentam os mesmos problemas de conflitos armados com fazendeiros que se apossaram das suas terras. Para a posse ainda se fizeram presentes amigos dos índios, os cabeças secas (que não são índios) e a imprensa de Sergipe e Alagoas.

Logo cedo começou a arrumação para a eleição. O Apolônio, segundo cacique da tribo o Pajé e outros índios fincavam madeiras sobre as quais estearam a bandeira nacional e improvisaram uma área isolada onde ficaram duas urnas: a urna para os votos do Pajé, que foi eleito na mesma tarde do sábado e outra para os votos para o Cacique, além de duas cabines eleitorais; uma para os alfabetizados e uma para os analfabetos. Na área, conforme eleição de branco, ficavam os mesários (dois) sentados ao lado da urna e ao centro o Cacique que entregava a cédula de votação. Ao fundo, próximo às duas cabines eleitorais, os fiscais; dois por candidato. Foram concorrentes dois candidatos a Pajé e três para

Cacique. Além dos fiscais, dos mesários, do Cacique (como presidente da mesa) e de Apolônio, que organizava a entrada e a saída dos votantes ao local, somente teve acesso à área isolada, a imprensa.

O CACIQUE

O novo cacique da tribo xocó, Girleno Clementino Lima, trabalha em Alagoas, é cabo da Polícia Militar. Como dezenas de Xocó, após os anos 70 quando reconquistou a lide de reconquista da Fazenda Caçara, Girleno foi obrigado a fugir para não morrer pelos pistoleiros dos fazendeiros e, em Alagoas, para sobreviver, entrou para a Polícia Militar, onde chegou a cabo e permaneceu até hoje.

Para responder às mil perguntas sobre como conciliará ser Cacique e cabo da Polícia, Girleno disse que ele é cabo da Polícia e Xocó; no caso, mais Xocó do que policial. Ele disse que se é militar, hoje, é porque tinha que trabalhar para sustentar a família. Prosseguindo na sua explicação, Girleno, o novo cacique, disse que apesar de ter ido para Alagoas, nunca deixou de vir à sua terra, saber como estavam passando os seus irmãos, e mesmo após ter ido para lá, nunca deixou de estar ao lado do seu povo, em defesa das suas terras, em defesa da sua tradição.

O novo Cacique está, disposto a enfrentar tudo, até a própria polícia em defesa do seu povo, e principalmente em defesa da sua terra. Ele é um dos maiores entusiastas pela reconquista da Fazenda Caçara e disse que o seu segundo objetivo, após a reconquista da terra, é formar uma aliança com os índios do Nordeste para conquistar as terras e defender os seus irmãos nordestinos que sofrem os mesmos problemas de tortura, agressão dos fazendeiros e ainda enfrentam a indiferença das autoridades competentes.

Junto com o Cacique foi reeleito o Pajé da aldeia, Antônio Medeiros, que tem 64 anos de idade e assume o papel de conselheiro da tribo, porque os seus antepassados foram impedidos de passar os ensinamentos da cura com ervas e através da invocação dos espíritos. Os fazendeiros matavam aos índios que ensinasse aos mais jovens. O tempo dos Xocó, na Caiçara, era para plantar e colher para os fazendeiros que tornaram as terras dos índios.

Antônio Medeiros, o pajé, informou que está sendo reeleito pelo seu povo que vê nele uma pessoa de confiança, um pai. A forma de ação do pajé, na hora da resolução de um problema, é reunir todos os parentes do índio infrator e conversarem, discutirem e aconselharem. Até hoje, segundo o pajé, os problemas têm sido resolvidos através de conselhos.

A HISTÓRIA E O SOFRIMENTO

A força da Igreja na ilha de São Pedro (que os índios acreditam que pertença ao santo e que um dia este vai voltar) é muito grande através de pessoa do Frei Enoque Salvador de Melo, que desde antes do reinício das lutas pela reconquista da Caiçara já se fazia presente, representando a Diocese da cidade de Propriá, como vigário, ajudando aos índios, lutando pela reconquista, principalmente da sua identidade indígena.

O Frei Enoque informou que a Igreja

tem acompanhado os Xocó, por uma questão de justiça, por se sentir culpada pelo que os seus antepassados da Igreja, fizeram. Ele informou que a Caiçara não estaria nessa situação se os missionários antigos que moravam na ilha de São Pedro, não tivessem arrendado as suas terras para os fazendeiros, abrindo essa porta para ganhar dinheiro. Segundo o Frei Enoque, quando a Diocese de Propriá se deu conta do erro, os índios já tinha sido violentados, havia perdido as terras e como a Igreja tem consciência, pela história e por documentos de que a Caiçara é dos Xocó, está a favor dos Xocó, sem no entanto ser contra os fazendeiros mas sim, fazendo-os ver que a terra deve ser devolvida aos nativos.

Quando os índios, nesta questão, vêm a perseverança da Igreja, também perseveram. Hoje o Frei Enoque se diz mais Xocó do que padre e até dança o toré com os Xocó, toma banho no rio São Francisco de shortinho de praia e é compadre de três concorrentes às vagas de Pajé e de Cacique. Sabedoras do incentivo e da força da igreja junto aos Xocó, os fazendeiros escravizaram os índios e chegaram a proibí-los de deixar o pedre da entrada na ilha e de lhe dar água e comida. Mesmo assim frei Enoque nunca deixou de ir à ilha; dormia na beira do rio e celebrava missa embaixo de árvores, porque não podia abrir a igreja.

A história dos Xocó é de violência, segundo o Frei Enoque e ele próprio (após 1970) presenciou um índio, o Bizante ser amarrado com corda, num cavalo e ser arrastado em público e após a tortura, todo cortado e ensanguentado, anilouqueceu. Outros índios, com medo de morrer ou de apanhar, fugiram para Alagoas e hoje, na cidade de Colégio, existe um grande grupo Xocó, contando, inclusive com os mais velhos, que preservam mais características físicas e atividades culturais. Estes Xocó de Colégio, em Alagoas, visitam constantemente a ilha de São Pedro, e são, igualmente dispostos a re-

de morrer ou de apanhar, fugiram para Alagoas e hoje, na cidade de Colégio, existe um grande grupo Xocó, contando, inclusive com os mais velhos, que preservam mais características físicas e atividades culturais. Estes Xocó de Colégio, em Alagoas, visitam constantemente a ilha de São Pedro, e são, igualmente dispostos a reconquista da Caiçara.

Proibidos de revelar as próprias identidades os Xocó não puderam passar para os mais novos, a sua cultura, a sua tradição. Ainda hoje os Xocó, que são um povo eminentemente cantador e alegre têm recuo de dizer que são Xocó. A cultura foi mascarada, os filhos não eram castigados pelos pais e sim pelos fazendeiros. Os homens ficaram presos num quarto da casa grande, quando não apareciam mortos no rio. O Frei Enoque informou que tem sido uma missão árdua ajudar aos Xocó a sair desse medo porque eles não queriam sofrer mais do que já sofreram. Mas a Igreja persiste e, em troca, recebe constantes ameaças de morte, principalmente o Frei Enoque e o Bispo Dom Lessa que está procurando prosseguir o trabalho do ex-Bispo da Diocese de Propriá, Dom José Brandão de Castro, em favor do Xocó.

A VIDA DO XOCÓ

As 45 famílias de Xocó que vivem na ilha de São Pedro vivem em absoluta miséria. A terra não é fértil, não há material para trabalhar, não há ajuda de órgão nenhum, mesmo após a doação oficial das terras desta ilha aos índios, no Governo Augusto Franco. A terra foi doada aos Xocó, mas o incentivo para plantar não chegou até hoje. Há um motor para bombear água do rio e irrigar uma pequena área de terra que fica nos fundos da igreja mas de vez em quando apresenta defeito. A Funai, até o momento, não tem ido à ilha para oferecer nada de concreto. Hoje existem três índios que recebem um salário da Funai para fazer nada. Como não há condição de plantar por falta de equipamento e semente, os homens só conseguem trabalhar bem longe porque os fazendeiros próximos não lhes oferecem trabalho. Enquanto isso as mulheres sustentam a casa fazendo panelas de barro para vender.

Conforme Informação da Índia mais velha da aldeia, Dona Maria Medeiros, conhecida por mãezinha, até a quarta-feira ainda se tem o que comer mas depois não se consegue nem farinha para dar às crianças. No momento o rio não está, segundo ela, dando mais peixe. Enquanto todo o sofrimento dos índios vai se agravando sem condição de produzir pela infertilidade da terra, apesar da abundância de água do São Francisco, os fazendeiros, com todos recursos financeiros, vão trabalhando a Caiçara, principalmente o maior proprietário, o conhecido como Pachaco, onde já existe muito pasto, piscicultura, plantação de arroz e pecuária, dificultando, inclusive, segundo lideranças sindicais da cidade de Porto da Folha, uma ação de reforma agrária, que não desapropriar terras produtivas.

Em contrapartida os Xocó vão se organizando e recebendo a visita constante de índios de outras aldeias da região Nordeste discutindo, planejando e se dispondo, cada vez mais, a retornar a fazenda Caiçara.